



Apresentação ao Dossiê “Os 60 anos da Revolução Cubana e a América Latina: logros, desafios e dilemas”

Joana Salém Vasconcelos¹
Fabio Luis Barbosa dos Santos²
Jales Dantas da Costa³

Em 1º de janeiro de 2019, a Revolução Cubana completou 60 anos. Foi e continua sendo um dos eventos políticos com maior impacto na história da América Latina contemporânea. Seu enredo extraordinário, a declaração do seu caráter socialista, sua originalidade e capacidade de expressar as contradições estruturais latino-americanas fizeram da revolução cubana um experimento único, que até hoje atrai a atenção do mundo.

Em seis décadas, o processo revolucionário admitiu diversas mudanças de rota, endurecimentos e aberturas, além de autocríticas e reinvenções. Nos espaços de convívio, trabalho ou poder, os cubanos exercitam cotidianamente a análise da sua própria história, com sagacidade, humor e ironia. Parecem estar, há 60 anos, decifrando o enigma da sua própria revolução, para assim evitar serem devorados. Os cubanos divergem entre si; mas dificilmente se desunem.

Partindo de condições periféricas e subdesenvolvidas, a transição cubana ao socialismo ainda está em curso e segue enfrentando obstáculos: do bloqueio econômico ao canto da sereia da modernização capitalista. Ao mesmo tempo, Cuba construiu sistemas

¹Joana Salém Vasconcelos é Bacharel em História pela USP, Mestra em Desenvolvimento Econômico pela UNICAMP, Doutoranda em História Econômica pela USP. É autora do livro *História agrária da revolução cubana: dilemas do socialismo na periferia* (2016), co-organizadora de *Cuba no século XXI: dilemas da revolução* (2017). Participa do coletivo editorial da revista *Latin American Perspectives* (EUA).

²Fabio Luís Barbosa dos Santos é Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal de São Paulo, atuando no curso de Relações Internacionais no campus Osasco. Pós-Doutor pelo centro *Genre, Travail, Mobilités, Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris* (GTM-CRESPPA). *Research Associate, Society Work and Politics Institute* (SWOP), University of the Witwatersrand, África do Sul. *Research Associate, Centre for Canadian, US & Latin American Studies, School of International Studies, Jawaharlal Nehru University*, Índia. Autor de *Para Além do PT* e *Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)*.

³Jales Dantas da Costa é Professor Adjunto no Departamento de Economia da UnB e de sua Pós-Graduação. Graduado em Ciências Econômicas pela UFSC, com Mestrado em Economia na área de Transformações do Capitalismo Contemporâneo pela mesma instituição, e Doutorado em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (atual ELA), UnB. Coordenada o Grupo de Pesquisa Revoluções e Contrarrevoluções (CNPq).



gratuitos de saúde e educação mundialmente reconhecidos, eliminou o analfabetismo, desenvolveu excelência em pesquisas médicas, venceu doenças epidêmicas e transformou a solidariedade na essência da sua política externa. Não se pode negar que Cuba é uma sociedade igualitária encravada no continente mais desigual do mundo, presença que perturba as elites do entorno. Mas a realidade é tensa e contraditória: a ilha seguiu assombrada pelos espectros do autoritarismo, do machismo, do racismo e da LGBTfobia.

Apesar dos seus limites e fissuras, a revolução cubana entrou em idade avançada com uma coesão surpreendente. Muitos imaginaram sua derrocada final com a queda da União Soviética, há 30 anos. Por que isso não ocorreu? Explicar a longevidade da revolução cubana em um mundo tão diferente daquele que a gestou segue um quebra-cabeça para pesquisadores.

Dois fatores auxiliaram a revolução a permanecer ativa no século XXI, superando a crise do Período Especial em Tempos de Paz (1990-1998). O primeiro, interno, veio da capacidade das lideranças em preservar as conquistas sociais originárias, alimentando uma confiança política duradoura, baseada na valorização da soberania nacional. O segundo, externo, foi o advento da chamada onda progressista da América Latina. Os governos progressistas, destacadamente a Venezuela, comprometeram investimentos com Cuba, lhe dando alento e lhe ampliando o excedente. A alavancagem da China, claro, também teve seu papel. Contudo, com a crise do progressismo e o recrudescimento do imperialismo estadunidense, liderado por Donald Trump, reabriu-se o questionamento sobre os rumos da revolução e sua vulnerabilidade em um cenário hostil.

Quando convidamos pesquisadores a participar da composição desse dossiê, em rememoração dos 60 anos da revolução cubana, o cenário era de incertezas e novos debates. Propusemos que escrevessem sobre temas variados: o bloqueio econômico e a relação com Estados Unidos; os *lineamientos* de 2011 e as mudanças da organização socioeconômica da ilha; o crescimento da desigualdade social e o novo setor privado; o papel do capital estrangeiro; o problema da supercentralização política, do dogmatismo e da “velha mentalidade”; os embates da nova Constituição de 2019; as formas de propriedade estatal, privada e cooperativa; a homofobia, o machismo e o racismo; as relações Cuba/China e Cuba/América Latina; os meios de comunicação, a internet e a censura; os desafios da educação e a diversidade da cultura popular; a história do pensamento político cubano. Entre os trabalhos recebidos, selecionamos pesquisas que nos permitem acessar os dilemas, feitos e



contradições atuais da revolução cubana, na celebração do aniversário que lhe tornou “idosa”. Pretendemos, assim, oferecer análises referenciadas e documentadas, clássicas e inovadoras, que permitam expandir o conhecimento sobre a ilha no Brasil.

O dossiê apresenta nove artigos inéditos, escritos por pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e cubanas, acompanhado de um ensaio e dois clássicos. O artigo que abre o dossiê é do historiador **Elier Ramírez Cañedo**, do Instituto de História de Cuba, nos oferece a desconstrução de oito mitos sobre a relação entre Cuba e Estados Unidos, muitos dos quais culpabilizam a ilha (e seus líderes) pela confrontação com o vizinho do norte. Fazendo uso de extensa documentação primária disponível na bibliografia, o autor desmonta os mitos com telegramas, cartas e mensagens desclassificadas da correspondência diplomática, mostrando que Cuba, ao contrário do que se diz, lutou de diferentes maneiras pacíficas e dialogadas pela normalização dos seus vínculos com os EUA.

Dentro do mesmo tópico, mas mobilizando outro *corpus* bibliográfico, seguimos com o artigo dos cientistas sociais **Marcos Antonio da Silva** e **Gabriel Dourado Rocha**, que analisaram a ilegalidade o bloqueio econômico dos EUA contra Cuba, tecnicamente fundamentado nos princípios do Direito Internacional Público. Entre eles, por exemplo, a igualdade soberana entre as nações, a inadmissibilidade da intervenção nos assuntos internos dos Estados, o fomento da amizade entre os povos, a não agressão e o fortalecimento da paz universal. Também são identificados componentes do Direito Internacional que amparam atitudes da revolução denunciadas pelos EUA como argumento para retaliação, como o direito de cada povo dispor livremente de suas riquezas e recursos naturais.

Em seguida, a jornalista e socióloga **Vanessa de Souza Oliveira** apresenta um debate interessante e necessário sobre a história da internet em Cuba. Ela recupera a história da criação vanguardista de redes *web* na ilha durante os anos 1970 e problematiza ideias simplificadas sobre sua conectividade atual. Segundo Oliveira, “é importante distinguirmos desconexão global de desconexão local: Cuba claramente padece da primeira, mas é conectada domesticamente”, com mais de 5,9 milhões de cidadãos plugados. Os cubanos desenvolveram táticas de “conexão offline”, como os *paquetes* e o *Snet*, aprimorando uma circulação cultural digital de alta densidade. As iniciativas desafiam o Estado, mas com ele



pactum regras. A autora narra em detalhes a chegada do Google à ilha, apontado como uma ferramenta de *soft power* do capitalismo global, ligado ao Departamento de Estado dos EUA.

A nova Constituição cubana de 2019, outro tema sensível, foi abordada pelos juristas **Enzo Bello** e **Maria Lúcia Barbosa**, que analisaram os significados da sua aprovação na Assembleia Nacional do Poder Popular e o processo de debate público que culminou com plebiscito ratificador. O processo constituinte teria fortalecido um compromisso intergeracional entre os revolucionários e a juventude, ao utilizar métodos participativos que ampliaram o diálogo entre poder popular e partido, ecoando aspectos do novo constitucionalismo latino-americano (Venezuela, Bolívia, Equador). A cláusula pétrea da irrevogabilidade do socialismo seguiu vigente, bem como a referência a Martí, Marx e Lenin, contudo é marcante a maior legitimação da propriedade privada. O sistema confirmou o partido único e diversificou as formas de propriedade (privada, cooperativa, social, mista), mantendo o Estado como proprietário dominante e regulador.

O trabalho dos economistas **Filipe Farhat**, **Aline Miglioli** e **Carlos Cordovano** trata da influência do pensamento político de José Martí nos primeiros 30 anos da revolução, especificamente percebido em três processos: a política agrária, a reforma urbana e o primeiro plano econômico. Com uma narrativa panorâmica, os autores mostram como o conceito de *homem natural* e a essência anti-imperialista da filosofia martiana influenciaram as principais escolhas das direções revolucionárias, impulsionando a força da cubanidade e do caráter original da revolução, mesmo que tensionado pela influência soviética.

Em seguida, o jurista **Camilo Onoda Luiz Caldas** e a pedagoga **Maria do Carmo Luiz Caldas Leite** tratam da história do pensamento político-pedagógico cubano, analisando o percurso que liga intelectuais do século XIX e XX à luta pela libertação e identidade nacional. Partindo do pensamento pedagógico de Martí - “um povo de homens educados será sempre um povo de homens livres” - com seu programa de escola universal, gratuita e laica, passando por Carlos Baliño e Julio Antonio Mella, respectivos defensores da educação nas fábricas e da Universidade Popular, o texto articula precariedade educacional e condição neocolonial. A revolução de 1959 foi, evidentemente, um divisor de águas no pensamento pedagógico da ilha, massificando a escolaridade, promovendo a educação popular e a valorização do estudo dos trabalhadores. Contudo, tampouco esteve isenta de problemas, marcada por concepções pedagógicas centralizadoras e verticais, nem sempre aliadas do sentimento de liberdade.



Entrando na seara das tensões entre religiosidade popular, identidade afro-cubana e poder revolucionário, a antropóloga **Bianca Ferreira Oliveira** descreve sua experiência de campo em 2016, na qual investigou do Festival do Caribe. Criado em 1981 pela Casa do Caribe, o evento tem um percurso temático que se inclinou, ao longo dos anos, das opções militantes revolucionárias para a valorização da religiosidade afrocubana e da cultura popular. São analisadas as tensões entre revolução, religião e racismo. Nos anos 1970, a *santería* só podia ser ritualizada com autorização policial; e foi só em 1991 que os membros do Partido Comunista puderam gozar oficialmente de liberdade religiosa. Ao mesmo tempo em que Fidel Castro afirmava Cuba como “país Latino-Africano”, a autora mostra como a folclorização comercial de práticas religiosas de origem afro (ou *santurismo*, *santería* com turismo) criou, na prática, invisibilidade negra e renovação do preconceito.

O economista **Ivo Marcos Theis** e o sociólogo **Nelson Afonso Garcia Santos** se debruçam sobre a relação entre desenvolvimento territorial local e as políticas de ciência e tecnologia na revolução cubana hoje, considerando o debate sobre a (não) neutralidade da tecnologia, o papel universidades e os detentores do poder científico. O desenvolvimento local sustentável e o autofinanciamento de pequenas iniciativas econômicas são diretrizes mobilizadas pelo governo desde 2011, em diálogo com alguns parâmetros da economia solidária. Os autores explicam as mudanças de ênfase da revolução, que com o tempo vem substituindo agendas científicas mais homogêneas e verticais por projetos ligados às tecnologias ecológicas, diversificadas e territorialmente localizadas. Nesse contexto, analisam o Fórum de Ciência e Técnica e seu potencial para descentralização de “arranjos produtivos locais”, em consonância com o cooperativismo.

Já o historiador **Tiago Santos Delgado** sai um pouco de Cuba e oferece uma análise sobre a atuação da diplomacia estadunidense na Venezuela entre 2004 e 2009, baseada em documentos oficiais obtidos pelo *WikiLeaks*. O autor analisa relatórios e mensagens que comprovam diferentes laços de compromisso dos EUA com segmentos da elite venezuelana, a exemplo da ONG *Súmate*, da *Coordinadora Democrática e das Asambleas de Ciudadanos*. O texto analisa as estratégias culturais e publicitárias antichavistas financiadas pela USAID, NED e outros para deslegitimar e agredir a revolução bolivariana. Os documentos informam valores investidos, além de relatórios de espionagem sobre escolas bolivarianas e as estratégias culturais chavistas. Ainda que não trate de Cuba, o trabalho revela as táticas



estadunidenses para minar as bases do principal aliado de Cuba no continente latino-americano.

Entre os Clássicos das Ciências Sociais Latino-Americanas, contamos com um artigo de autoria do memorável poeta e filósofo **Roberto Fernandes Retamar**, de tradução inédita, que trata da trajetória pessoal e política de José Martí, de sua adolescência até a morte. Retamar explica como sua condição de exilado, viajante e jornalista contribuíram para o cosmopolitismo de José Martí, que soube enxergar Cuba desde fora, em um arco histórico amplo. Por isso, Martí interpretou melhor que ninguém a importância universal da emancipação cubana na criação de freios ao imperialismo estadunidense. Além de valorizar a veia literária de Martí, resenhando suas obras a partir de cada contexto da sua vida, Retamar explica seus conflitos e alianças com Máximo Gómez e Carlos Manuel Céspedes no preparo da guerra de 1898. Ressalta, sobretudo, seu alerta pioneiro contra o pensamento eurocêntrico e as hipocrisias do iluminismo, erguendo a bandeira inegociável da emancipação das periferias, cuja atualidade segue vigente.

Outro ensaio publicado na seção de Clássicos das Ciências Sociais Latino-Americanas é de autoria de **Tirso W. Sáenz**, cubano residente no Brasil e professor aposentado da UnB, que foi colaborador direto do Che Guevara ministro das indústrias, oferece um bonito testemunho sobre sua experiência revolucionária, retomando debates clássicos e desafiadores sobre a industrialização na periferia, a convivência com Che, as escolhas possíveis do caminho cubano e os exemplos de postura generosa do líder que cativou os jovens idealistas de todos os cantos do mundo.

Por fim, o Dossiê está acompanhado de um Ensaio e dois artigos na sessão Clássicos. O Ensaio de **Maria del Carmen Ariet García**, coordenadora do Centro de Estudos Che Guevara, retoma os diários de viagem do jovem médico argentino em formação. Conta sobre suas viagens de motocicleta pelo interior da Argentina, Chile e Peru, e depois Guatemala, México e Cuba, com objetivo de homenagear Che Guevara. O ensaio retoma os momentos decisivos da experiência desbravadora de Che, que teriam forjado suas convicções revolucionárias e seu pensamento político latino-americanista.